# Terraplanismo - 26/03/2020

A partir de 2013 começou um processo de radicalização de um tipo de opinião a  
favor de “direitos individuais” que traz a reboque um empreendedorismo cego  
aliado ao cerceamento do debate. Eleito o inimigo, naquele momento coisa  
simples, fácil e óbvia, sedimenta-se o caminho rumo à negação da ciência,  
apego ao Deus provedor das igrejas e um movimento direitista sutil que se  
apropria das mídias sociais para alienar a maioria da população.  
  
Eleito o novo messias em 2018, o resultado não é somente robôs virtuais que  
fazem disparos em massa a serviço do gabinete do ódio ou do gado que se vê  
empoderado no líder, mas toda uma inteligência coletiva degradada. O povo se  
perdeu, a classe média quer migalhas. Essa camada sempre semi-favorecida, mas  
nunca abandonada, sempre flutuando por cima dos que carregam o piano, tal  
classe, sim, trabalhadora também, emburreceu.  
  
É triste e tenho dó deles. Tenho dó porque estão além das possibilidades.  
Repulsam a crítica. Criam mitos brucutus e artificiais. Há tanto debate na  
esquerda, nos blogs sujos, na academia. Há, também, eventualmente, erros,  
ideologia. Mas as sobras que são jogadas para essa camada que (benza deus!)  
agradecem, é um filme monocromático. Vide Jornal Nacional e o desfile de  
economistas coxinhas, um monólogo chato e sonolento. Não há diversidade.  
  
Será que eles (classe média) merecem? Ou será que não fomos capazes de formar  
uma sociedade mais emancipada? O discurso raso, o viver utilitário (trabalho-  
resultado), o mercado, enfim, tudo isso germina nossa sociedade hipócrita e  
mesquinha. Mas, eu tenho dó porque eles acham que assim são felizes. E,  
certamente, não é soberba de minha parte pois sei que só estamos aqui para  
usufruir enquanto for possível e enquanto deixarem. Depois disso é só o pó.